



O feld-marechal de Benedek

Bastante conhecido é hoje, entre nós, o nome d'este homem de guerra, e bem vulgares os seus recentes feitos, para que nos detenhamos em uma descrição minuciosa do papel que tem desempenhado na pendencia entre a Austria e a Prusssia, que traz suspensos todos os povos da Europa. Publicando, porém, o seu retrato, ao qual suceder-se-hão, certo, os de todos os outros personagens importantes, que andam empenhados na sangrenta luta, não podemos deixar, apesar mesmo de outros, n'esta parte, nos haverem preceido, de acompanhá-lo com duas palavras biographicas.

Luiz de Benedek nasceu em Oldemburgo no anno de 1804. Seu pai, medico, mandou-o educar no collegio militar de Neustadt, e, em 1822 entrou como porta-bandeira no exercito austriaco, onde, subindo rapidamente de postos, attingiu o de coronel em 1843. Dous annos mais tarde, tomou uma parte activissima na repressão dos movimentos revolucionarios da Galicia, obtendo, por essa occasião, as insignias da ordem de Leopoldo. Em 1848, eil-o na Italia, dando aos seus soldados o exemplo do valor, do sangue-frio, por occasião da retirada de Milão, e distinguindo se em Curtatone, onde oppoz uma tenaz resistencia aos impetos immoderados dos estudantes de Toscana. Mencionado na ordem do dia pelo marechal Radetzky, o coronel de Benedek, em recom-

pensa d'estes ultimos serviços, foi condecorado com a ordem de Maria Thereza. Em 1849, terminado o armisticio, contribuiu para a entrega de Mortara e combateu denodadamente á frente dos seus soldados em Novara.

Nomeado major general no exercito do Danubio, de Benedek aumentou ainda a sua reputação na campanha da Hungria, e com especialidade no combate de Szornycors-Ivany, onde foi ferido por um estilhaço de bomba. No fim d'esta guerra passou á Italia na qualidade de chefe de estado maior do 2º corpo do exercito, onde permaneceu até o fim da guerra de 1859. Depois da batalha de Magenta, cebrio, de Milão para o Mincio, a retirada do exercito austriaco, combatendo energeticamente em Malegnano. Em Solferino, o general de Benedek, achava-se á frente da ala direita, e depois da derrota, substituiu o marechal Hess no commando superior do exercito.

Quando a paz foi assignada, de Benedek passou a commandar as forças austriacas do Veneto. O imperador Francisco José, elevou-o, ultimamente, á dignidade de feld-marechal e, enquanto o archi duque Albrecht foi a Verona tomar o commando do exercito italiano, de Benedek recebeu o do exercito do norte, reunido na fronteira da Silesia. O feld-marechal de Benedek está considerado como o militar mais eminente da Austria.

JOÃO DE MATTOS FRAGOSO

É o nome de um portuguez distinto, pouco de nós conhecido, como, infelizmente, muitos outros engenhos que esta terra tem produzido, mas que foi um dos mais infatigaveis dramaturgos do secundissimo seculo XVII e um dos que alcançaram maior celebridade no reino vizinho.

João de Mattos Fragoso nasceu pelos principios d'aquelle seculo em Alvito, na provincia do Alemtejo, quando Portugal gemia sob o pesado jugo castelhano. Estudou em Evora, e foi cavalleiro professo na Ordem de Christo (1); mas, domiciliado em Madrid, que era então a corte, e, por consequencia, o ponto onde os talentos mais podiam brilhar, ali se dedicou exclusivamente ao cultivo das musas, com especialidade a dramatica, ate o ultimo dia da sua dilatada vida, que foi a 18 de maio de 1692.

Do seu merito como auctor portuguez nada podemos dizer, porque não nos consta que escrevesse obra alguma no nosso idioma; como escriptor hespanhol, porém, não acontece outro tanto: o grande numero de comedias que produzio, as incontestaveis bellezas que em todas elles, mais ou menos, resaltam, a sua extrema facilidade em versificar, a ligeireza, a graça da sua expressão comic, e, finalmente, os grandes elogios que sempre lhe teceram os homens de letras da patria de Pelagio, tudo isto nos auctorisa a consideral-o como um talento notavel e, por conseguinte, a apresental-o como um dos melhores poetas castelhanos do seculo XVII.

Rebentara então em Hespanha uma d'essas grandes revoluções do espirito, sempre utilissimas para a humanidade, e que nós desejáramos igualmente rebentasse entre nós, para que as letras patrias, até hoje tão votadas ao desprezo, podessem sair do marasmo em que teem vivido. A extraordinaaria excitação e, por assim dizer, o appetite sobre-natural que as inesgotaveis veias de Lope e Calderon haviam gerado no publico para os spectaculos scenicos, necessitava de alimento diario, infinita e continua variação; e ainda que as quasi innumeraveis producções d'aquelles colossos bastasse para sortir durante um seculo inteiro os theatros de toda a Europa, era tal a sède do theatro hespanhol, que consummia e devorava estas e não conseguia, ainda assim, applicar-a com os centenares de obras com que tambem o brindavam as fecundas pennas de Tirso, Roxas, Alarcon e Moreto.

E é preciso notar que ao lado d'estes grandes e privilegiados mestres da arte, apareceram outros muitos que, com maior ou menor fortuna, luctaram n'aquelle esplendido palanque do engenho, contribuiram para a erecção do sumptuoso monumento nacional e alcançaram laureis, mais ou menos, immarcesciveis e duradouros. Estes, porém, teriam sido menos felizes se o gosto do publico d'aquelle seculo, extraviado pelos magnificos

erros dos seus primeiros genios, não houvesse aberto tão larga porta á irrupção das medianias, tivesse sugeitado a provas mais dificeis a ostentação do talento e o cultivo da poesia dramatica. O theatro hespanhol, então, não seria, seguramente, tão rico, nem tão abundante o catalogo dos seus dramaturgos; em troca, porém, não seriam eclipsados os seus primores pela nuvem de desacertos que offusca e contradiz a sua belleza.

Como em todas as obras, porém, nasce o abuso ao lado da sua maior perfeição, assim sucede com o cultivo do theatro hespanhol na segunda metade do seculo XVII, tendo-se reduzido a uma especie de officio (que não sabemos se era lucrativo) e a corte de Philippe a uma immensa fabrica dramatica, na qual o proprio monarca dava o exemplo sob o anonymo de *um engenho da corte*, obras, por certo, não as mais incorrectas; seguiam-lhe o gosto e *dramatisavam* tambem os cortezãos e favoritos, ministros, embaixadores, prelados, conselheiros, pregadores, e até as freiras; todos alternavam com o laborioso enxame de poetas que ás ordens do rei e do Conde-Duque trabalhavam para sortimento dos coliseos *del Buen Retiro, del Pardo y la Zarzuela*.

Entre todos estes incansaveis cultivadores da arte, sobresaía Moreto, como o mais engenhoso e perspicaz dos fabricantes de peças theatraes; e não bastando ao seu extremo ardor a invenção propria e o seu talento admiravel, lançava mão das obras dos outros para adoptal-as, reformal-as ou refundil-as, melhorando-as, certamente, em suas discretas mãos, ainda que renunciando á sua propria espontaneidade e a uma boa parte do seu credito e fama. Isto de que hoje o argue a critica, já lh'o lançaram em rosto os seus contemporaneos, e muito especialmente o poeta Cancer, que no seu *Vejámen poético* diz: « E no meio d'este perigo reparei que D. Agustin Moreto estava assentado e revolvendo uns papeis que me pareceu serem comedias antiquissimas de que já ninguem se lembrava. Estava dizendo consigo: isto nada vale, d'aqui pôde tirar-se alguma cousa; mudando isto um pouco pôde-se aproveitar. Enojou-me vel-o com aquelle fleugma quando todos estavam com as armas na mão, e disse-lhe porque não ia pelejar como os outros. Ao que me respondeu: Eu pelejo aqui mais do que outro qualquer, porque estou sondando o inimigo. V, repliquei, parece-me que deseja aproveitar alguma cousa d'essas comedias velhas. Exactamente, me tornou; é por isso que digo que estou sondando o inimigo. »

Não contente Moreto com aquella exhumação e apropriação de muitas obras dos poetas anteriores, formou, ao que parece, para attender ao sortimento com outras novas, uma especie de associação em commandita, pelo gosto da que renovou Eugenio Scribe no moderno theatro francez; e o mais interessante é que o mesmo Cancer, que o censurou, foi depois o mais intrepido dos seus associados ou collaboradores; e tanto que se não conhece comedia alguma exclusivamente sua, se-

(1) Dice. Bibliographico; tom. 3.º pag. 417.

não em concorrência com Moreto, Mattos, Villaviciosa, Zavaleta, os Figueiras, Rosete, etc.

Foi n'esta estranha sociedade que trabalhou muito activamente João de Mattos Fragoso, como pode ver-se em muitas das suas obras dramaticas, tales como *Caer para levantar*, *Amor hace hablar los mudos*, *El Principe prodigioso*, *El Redentor cantino*, *Solo piadoso es mi hijo*, *Oponer-se á las estrellas*, *El mejor par de los doce*, *El letrado del cielo*, *El bruto de Babilonia*, *El vaquero emperador*, e outras.

Tambem imitou Moreto (ainda que não com igual exito) na censurável adopção de pensamentos, planos e caracteres estranhos, de que se offerecem entre outros exemplos as de *Ver y creer*, e *El hijo de la piedra*, imitadas das de Tirso de Molina, *La firmeza en la hermosura*, e *La elección por la virtud*. Não obstante, não podemos deixar de reconhecer em Mattos uma grande dose de engenho e de invenção propria, que lhe permittiram produzir por si só meio cento de comedias, nas quaes brilham o seu elevado talento, a sua fertil imaginação e veia poetica.

(Continua.)

PALESTRAS HYGIENICAS

• pão

As farinhas das gramíneas que são empregadas no fabrico do pão contêm um grande numero de principios, entre os quaes citaremos como os mais importantes: 1.^o amido ou fécula; 2.^o dextrina; 3.^o gluten; 4.^o matérias gordas; 5.^o saes; 6.^o agua. Estes elementos combinam-se em diversas proporções que dão ás farinhas suas qualidades e seu valor commercial. A fermentação e a cozedura são os dois agentes da transformação das farinhas em pão. A fermentação que se opera na farinha amassada com agua, levada a uma temperatura conveniente e posta em contacto com um fermento (levadura de cerveja ou massa um pouco antiga), consiste na separação das matérias assucaradas e a sua transformação parcial em alcohol e em gaz acido carbonico. Este gaz, cuja tensão aumenta pelo calor, dilata o gluten durante a cozedura, põe em ação a sua elasticidade, e dá ao pão esse aspecto areolar que caracteriza uma boa fabricação. Ao mesmo tempo, os grãos da fécula, intumescidos pela agua, dilatam-se, rebentam e deixam transsudar a matéria gommosa soluvel que forma o seu contheudo. Os diversos tempos da fabricação do pão, factura do fermento, sovadura, estensão e divisão da massa em bocados, tudo isto se efectua já por meios mecanicos, já a braços; e a qualidade do pão depende também, em uma certa medida, da habilidade com que são conduzidos estes trabalhos: a cozedura contribue muito para o bom exito. Em Inglaterra, preparou-se, n'estes ultimos annos, sob o nome de pães não levedados (*unfermented breads*) um pão sem fermento, no qual o acido carbonico proveniente da fermentação é substituído por este mesmo gaz fornecido pela ação do acido chlorhydrico introduzido na agua que serve para fazer a massa sobre o bicarbonato de soda misturado com a farinha. Este pão tem o esponjoso e a estructura vesicular do pão com-

mum. Os *unfermented breads* do doutor Whiting teem grande consumo e são muito estimados em Londres. Os seus partidarios attribuem-lhes, bem entendido, uma multidão de vantagens sobre o pão ordinario; mas é ponto duvidoso que a hygiene as ratifique: a inerencia da chimica na preparação dos alimentos inspira-nos uma desconfiança preventiva.

O pão está fabricado, importa reconhecer se é de boa qualidade. Os processos scientificos, tão precisos quando se trata de julgar da adulteração das farinhas, fallam aqui completamente, e só o exame organoleptico, isto é, o testemunho dos sentidos, nos pôde esclarecer sobre o valor d'este alimento. O pão é de boa qualidade e bem fabricado quando tem um cheiro e sabor agradáveis; quando o miolo é homogeneo, cheio de buracos, de dimensões iguaes, sem grandes aberturas; quando é muito elástico e retoma depois de uma pressão o seu volume primitivo; quando, em fim, difficilmente se reduz a pó depois de ter sido amassado com os dedos; a ausencia de grumos de farinha e a adherencia interna do miolo com a codea são tambem indícios de boa qualidade.

Seria um erro gravissimo, no duplo ponto de vista hygienico e economico, o pensar que a qualidade do pão sóbe á proporção que se apura o peneiramento da farinha, que serve para o seu fabrico. Tal cousa não se dá. Os trabalhos de chimicos muito auctorizados, particularmente os de Millon e Poggiale, teem demonstrado que o farelo, rejeitado como inutil para alimentação, contém, na realidade, maiores matérias albuminoïdes e por consequencia mais azote do que a farinha bruta. Peneirando-se a farinha com muita perfeição, enfraquece-se, por tanto, até certo ponto, o seu poder nutritivo. A rapidez com que o farelo engorda os animaes é um facto de vulgar notoriedade, que deveria preceder as provas da chimica. Pôde-se dizer, pois, que n'esta materia, como em muitas outras cousas, o melhor é o inimigo do bem. Um pão muito branco sustenta menos, é menos saboroso, e, além d'isso, como todos os alimentos que abandonam pouco residuo á elaboração digestiva, debilmente estimula as funções do intestino, e, como o proprio Hippocrates já o havia notado, torna o ventre preguiçoso. Um hygienista insistiu recentemente sobre este facto, e attribuiu esta inerencia intestinal, tão commum em nossos dias, ao fazer-se uso geralmente de um pão fabricado de farinhas muito apuradas. A utilidade dos pães grosseiros de centeio ou de cevada, e do pão ainda mais ordinario, preparado com partes iguaes de farinha e farelo, é uma contra prova d'este facto.

O pão não é um alimento de boa conservação, e a natureza chimica muito incerta dos seus elementos, bem como a grande quantidade de agua que contém são a prova do que avançamos. Cobre-se facilmente de bolor que lhe altera o gosto e que lhe pôde mesmo comunicar propriedades toxicas. Este bolor umas vezes é branco, outras cor de laranja, e o mais commumente verde. Citararam-se já dois casos em que o uso do pão coberto d'estas manchas determinou muitos accidentes. Em 1848, notou-se um bolor vermelho, devido a um oïdium particular, o *oïdium aurantiacum*. Segundo M. Payen, que es-

tudou particularmente esta alteração, este bolor altera profundamente a constituição do pão: decompõe o amido em água e em ácido carbonico, e as matérias gordas e azotadas servem para a sua vegetação. Certos hygienistas, e particularmente M. Guerard, que descreveu este parasita sob o nome de *penicillium roseum*, não o julga tóxico por si mesmo. Não há também motivo para que o pão assim alterado deva causar suspeita. O melhor meio de evitar o bolor do pão consiste em deixá-lo arrefecer ao ar livre e em não o ter fechado em um espaço muito apertado.

Nestes últimos tempos, a chimica, regulando os principios constitutivos dos alimentos mais usuais e fixando as proporções de azote, de carbono e de matérias gordas que encerram, pretendeu servir-se d'este critério para classificar as substâncias alimentarias segundo a sua ordem de maior nutrição, e foi levada a atribuir ao pão uma força muito reparadora. Nada diremos sobre a infallibilidade dos juízos da chimica, que, para ser consequente consigo mesma, deveria, por causa da questão do azote, collocar como alimento o carvão de pedra ao lado do lombo de vaca; há um azote nas combinações alibiles, e outro do qual a nutrição não sabe o que há de fazer. A vida, que é um reactivo mais delicado que o cadinho e a balança, distingue-os perfeitamente um do outro. Contudo, convém confessar que esta descoberta da chimica está singularmente confirmada pela experiência universal, que atribue ao pão propriedades muito reparadoras. Esta vantagem é ainda corroborada, pela appetência geral que manifestam quasi todos os povos por este alimento, e por este facto notável que entre todos talvez nunca provoque a saciedade.

O HOMEM QUE NÃO RI

conto árabe

Existia em um principado próximo do lago Tchad, no interior d'Africa, uma família árabe que havia sido forçada a emigrar pela tyrannia do pacha de Tripoli. Esta família favorecida pelas circunstâncias, isto é, pela vontade de Deus, adquirira em pouco tempo uma d'essas riquezas fabulosas de que se fala muitas vezes nas *Mil e uma noites*. O pai e a mãe morreram, deixando um filho que contava apenas dezesseis annos de idade, mas, cuja tendéncia para o luxo e prazeres não conhecia limites.

Zerzuri, (era o nome do herdeiro,) começou desde logo a dar grandes festas, e, portanto, imediatamente se viu rodeado de muitos amigos. A prodigalidade nasceu no meio dos prazeres: tornou-se prodigo, e o dinheiro escapou-se-lhe das mãos como a água que cai das nuvens. A pouco e pouco, vendeu escravos, palanquins, trens e casas; vendeu mesmo as joias de sua mãe. Tres annos bastaram para consummar a sua ruína.

No dia seguinte ao da ultima festa, Zerzuri estava esquecido. Já ninguém sabia que fôra elle quem encheira a cidade de Melli com o seu fausto e a sua generosidade; e quando o desespero o levou a fazer-se jornaleiro para ganhar o pão de cada dia, foi um desconhecido que lhe estendeu a mão.

Um dia que, vestido com uma gandura alvadia, como os homens do povo, estava assentado junto de um muro esperando trabalho, um estrangeiro de aspecto agradável parou diante d'ele e saudou-o. Zerzuri correspondeu civilmente ao cumprimento, mas sem ousar levantar os olhos; tal era o seu estado de humilhação por ter dado tão grande queda.

— Mancebo, lhe disse o desconhecido com voz afectuosa; parece-me que soffreis; interessa-me a vossa presença. Adivinho na vossa physionomia que já estivestes em melhor posição. Se quereis trabalho, posso vol o dar.

As palavras do estranho fizeram rebentar as lágrimas dos olhos de Zerzuri; e respondeu:

— Senhor, salvais-me a vida; Deos vos recompensará. Minha mãe tinha razão de dizer que o Senhor dos mundos nunca abandona aquelles que se entregam em suas mãos.

Dizendo estas palavras, fitava os olhos no seu interlocutor, que era um homem dos sens quarenta annos, de rosto sympathico, mas triste, e coberto com um vestido de seda verde. E acrescentou com voz tímida:

— Que emprego tencionaes dar-me?

O desconhecido disse-lhe:

— Habituo uma casa distante do fosso da cidade, em companhia de nove amigos. Vivemos ali em um absoluto retiro. Necessitamos de alguém para servir-nos, e, sobre tudo, uma pessoa discreta. A vossa physionomia convém-me. Vivereis comnosoço, fareis parte da nossa existencia, como se fosseis da família. Tereis vestidos elegantes; o dinheiro não vos faltará, e Deos permittirá, sem duvida, que vós gozeis, graças a nós, de uma brilhante existencia. Aceitais o emprego que vos offereço?

— Ouvir, é obedecer, exclamou Zerzuri, cujo coração pulava de alegria.

— Primeiro que tudo, disse o homem de vestido verde, tenho uma recommendação a fazer-vos: é de respeitar o nosso segredo. Quando nos virdes chamar, guardai-vos de interrogar-nos sobre a causa da nossa dor.

— O Creador não me castigou por que eu houvesse commettido o peccado de curiosidade.

Terminado este dialogo, que poucos instantes durou, os dois personagens pozeram-se a caminho, seguindo um atraz do outro, para o banho mais rico da cidade, onde Zerzuri, sob as vistas de seu amo, fez uma limpeza completa desde a cabeça até os pés. Depois de banhado, e perfumado, vio-se rodeado de negros que o vestiram inteiramente de novo; tornando assim o mancebo a poder mostrar a elegância do seu corpo e a beleza de suas feições, que a pobreza e miseria não deixavam brilhar. É de uso entre os muçulmanos, despojar do fato velho o homem que entra em uma casa na qualidade de criado.

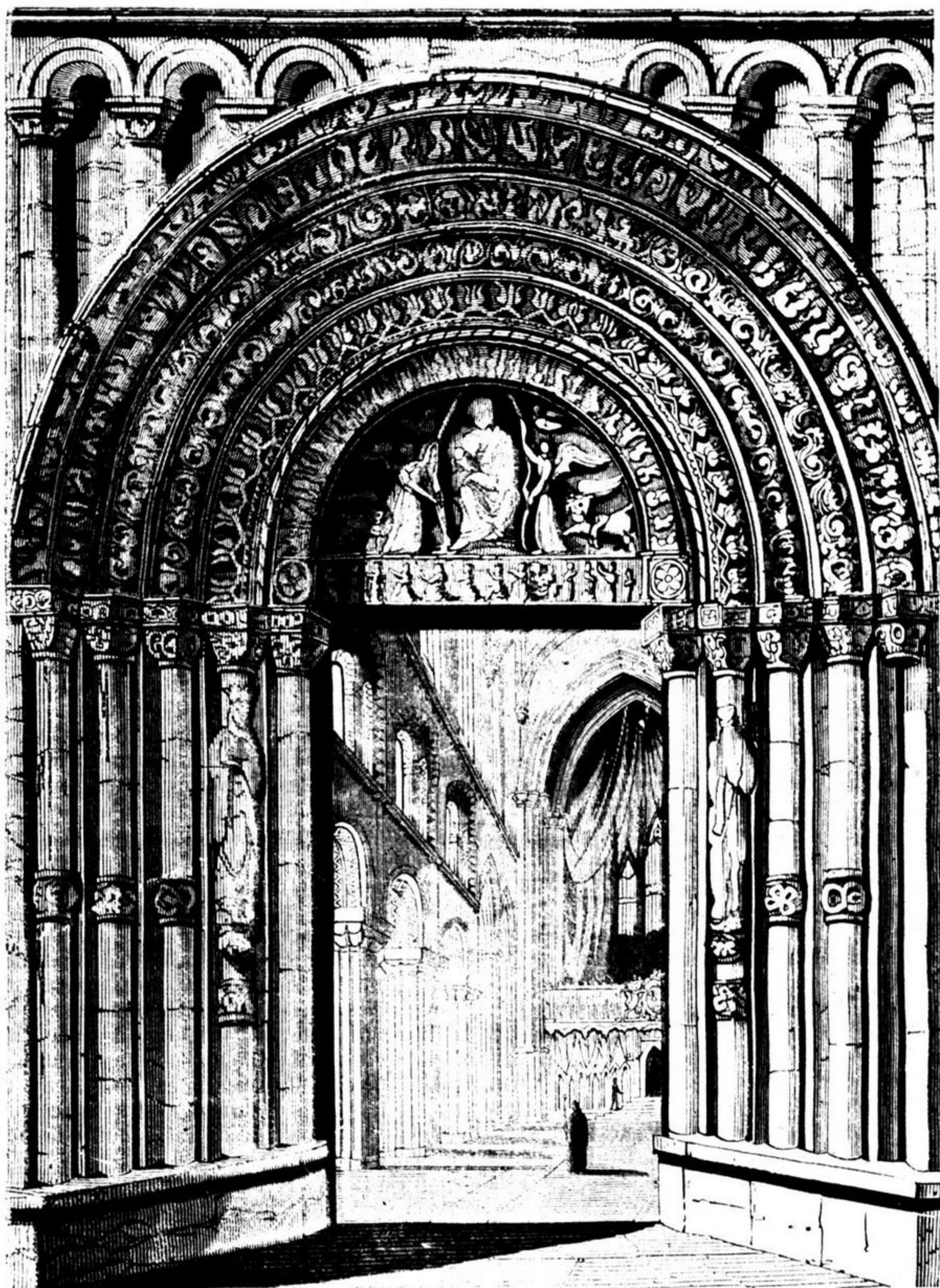
(Continua)

.....*Sapiens ritatu, quidque petitu*

Sit melius, causas reddet tibi....

HORACIO

O sabio dir-vos-ha as razões porque uma cousa é boa ou má, o que convém evitar e o que se deve procurar.



Cathedral de Rochester

Ethelredo, o Saxonio, rei de Kent, pouco tempo depois da sua conversão ao christianismo, fundou a igreja de Cantorbéry e Rochester. A casa de Bromley foi dada a esta ultima no seculo VIII; e depois, os bispos de Rochester ali tiveram sempre um palacio. Esta igreja é pobre; a causa dis-

to attribue-se ás frequentes e ruinosas invasões dos Dinamarquezes. Durante a conquista, este estado de pobreza chegou a tal ponto, que o serviço divino esteve interrompido por algum tempo.

A cathedral de Rochester, que se acha edificada no centro da cidade e a uma pequena distancia

Na catedral de Rochester tem duas grossas torres ou torres, a forma de cruz. O seu comprimento é de trezentos e seis pés: cada e distante desde o topo de oeste ate o alto e baixo e cinquenta e seis pés; desde este ate a jacela de teste. A entrada, que é alta, tem uma nave, sobre o centro da qual está uma torre, cuja apparencia é moderna; effigie de Henrique VII restaurada há quarenta e tantos anos, aponta-a que lhe tiraram o campanario. Esta nave é de vinte e vinte pés de extensão de norte a sul. Na extremidade superior do oeste tem uma segunda nave para o oriente de, pouco mais ou menos, vinte e vinte pés. Entre estas duas naves, ao centro, existe uma torre muito arruinada, cuja altura não excede a da cathedral, e que, em outro tempo, era denominada a torre dos cinco sinos. Foi construída no reinado de Guilherme Rufus, pelo famoso Gaudulpho, ou para conter os sinos, talvez, para servir de arquivo. Esta torre é de uma solidez prodigiosa: as paredes tem dez pés de grossura, não obstante o quadrado não costar mais de quarenta pés. Foi o mesmo Gaudulpho quem construiu a grande torre da cathedral de Rochester; esta mal bem conservada e oferece um dos mais curiosos modelos da architecatura normanda. A nave da cathedral e a bella frontaria de oeste são também obra d'este habil architecto. O lado do norte da nave oriental, foi levantado depois de um incêndio que arruinou uma grande parte da cathedral, em 1279, e a parte do sul foi aí reconstituida no seculo seguinte. O coro foi construído nos reinados de João e Henrique III, com o projecto dos presentes oferecidos ao altar de S. Guilherme. Este santo era um piedoso e rico padriño, natural da Escocia, que tinha emprehendido uma peregrinação a Jerusalém; mas que foi roubado e assassinado pelo seu criado, junto de Rochester. Tendo sido enterrado na cathedral d'esta cidade, a sua canonização foi o resultado dos milagres que se operaram em sua sepultura.

A frontaria de oeste é magnifica, mas oferece diferentes generos de architecatura. A porta principal, de que dá uma boa idea a nossa gravura, abre-se sob um arco de grandes dimensões, semi-circular e ricamente ornado; a parede, por cima d'este arco, parece estar dividida em ordens de nichos com pequenos arcos. A maior parte d'estes nichos estão mal acabados, e, alem disso, foram cortados para dar lugar a grande janella de oeste. Esta janella é mais nova que as partes que temos descripto: tem uma apparencia que não está em harmonia com o resto. As numerosas reparações feitas na cathedral de Rochester, eram indispensaveis para a segurança d'el edificio, cujos pilares da parte do sul se desviavam ja um pouco da perpendicular.

Entrando-se na cathedral pela porta de oeste, descem-se alguns degraus até a nave que, na maior parte, tem conservado o seu caracter primitivo. As cinco primeiras columnas de cada lado pertencem ao estylo normando. Todas as columnas do mesmo lado são diferentes, mas cada uma corresponde exactamente a que lhe está opposta. Por cima

d'estas arcos, existe outra ordem de mesma dimensão, entre as quais se vêem arcos mais pequenos com suas columnas curtas e macicas. Acham-se ahi uma galeria que communica com a escada circular nos anulos da frontaria. I: oeste. Os accos do oriente da nave são de uma architecatura mais moderna, as columnas mais leves e lavradas com mais perfeição: o tecto, de madeira, está sustentado por anjos armados de escudos.

Dez degraus conduzem ao coro, por debaixo de um arco, sobre o qual está colocado o orgão. O coro foi renovado em 1743, quando se lhe acrescentou o throne do bispo e os bancos do capitulo. Por cima das naves orientaes há quartos para os quaes se sobe por uma escada construída na parede. E nestes quartos que se guardam de noite as vestes sacerdotales, joias, vasos sagrados e outros thesouros pertencentes aos altares de S. Guilherme, S. Paulino e outros santos que se vêem no coro. A igreja subterranea, que se estende sob uma grande parte do edificio, e que se julgava ter sido construída pelos normandos, não é, provavelmente, mais antiga que a frontaria de oeste ou a torre de Gaudulpho.

Encontram-se n'esta cathedral muitos monumentos antigos e curiosos, entre os quaes é para notar um simples tumulo de pedra, que contém, dizem, os restos do bispo Gaudulpho. Ao pé d'este, vê-se outro sobre o qual está esculpida, em marmore, a figura de um bispo de Petworth. Há ainda muitos outros monumentos dignos de excitar a curiosidade, entre os quaes se distingue o de Walter de Merton, fundador do collegio de Merton, em Oxford. Este monumento é construído, em parte, de alabastro, mas é de uma data moderna, relativamente a época em que Walter Merton viveu. A nave oriental da capella de S. Guilherme, contém o tumulo do bispo Warner, fundador do collegio de Bromley. Um rico monumento colorido, e a figura de um dos primeiros bispos de Rochester, foram descobertos durante as reparações feitas na cathedral. Na parte do sul vêem-se tambem o tumulo e o busto de Ricardo Watts Esquire, que foi tabellião de Rochester e membro do parlamento no reinado de Isabel. Fundou um hospicio em Rochester e morreu em 1579. Eis os termos e estranhas condições escriptas na frontaria da casa, que está situada no centro da cidade:

«Ricardo Watts Esquire, por seu testamento datado de 22 de agosto de 1579, fundou este hospicio para seis pobres viajantes, com a condição que não sijam ladrões nem procuradores: receberão por uma noite pousada, comida e oito soldos cada um, etc.»

Explica-se d'este modo a causa da antipathia de M. Watts para com os procuradores. Tendo escondido, durante uma perigosa doença, um procurador para lhe tratar do seu testamento, notou, quando se achou restabelecido, que o homem da lei tambem se tinha feito seu herdeiro.

O vinho abre o gabinete do coração e tira d'ele todos os segredos.

A FORTUNA

Encontra-se o primeiro pensamento da admirável fabula *o Carvalho e o caniço* n'estes poucos versos de Lucílio, poeta grego que viveu no tempo dos Antoníños:

«O que não pôde a fortuna, a despeito da nossa esperança e dos nossos votos! Eleva os pequenos, abate os grandes. O teu orgulho, o teu fausto, ella os abaterá, ainda mesmo que um rio te prodigalisse as suas palhetas de ouro. O vento nunca derriba o juncos e o musgo, mas deita por terra os carvalhos colossais e os altos platanos.»

O CONDE ALLAMISTAKEO

A isto seguiu-se uma serie importuna, atroadora, de questões e cálculos, pelos quais, a final, se soube descobrir que a antiguidade da mumia tinha sido pessimamente calculada. Havia cinco mil e cincuenta annos e alguns meses que fôra depositada nas catacumbas de Eléthias.

— Mas, a minha observação, tornou o barão de Souza, não dizia respeito á idade de V. Ex.^a (aqui o conde abriu muito os olhos) na época em que foi sepultado, — todos nós não podemos deixar de concordar que V. Ex.^a é muito novo; — eu referia-me ao grande periodo, durante o qual, segundo a explicação que nos deu, esteve de conserva no asfalto.

— Em que?! disse o conde.

— No asfalto, repetiu o barão.

— Ah! sim; tenho como que uma idéa vaga do que quer dizer: — effectivamente isso podia produzir bom resultado; mas no meu tempo só se fazia uso do bichlorureto de mercurio.

— Mas o que deveras não podemos compreender, disse o doutor Alexandre, é que, tendo V. Ex.^a morrido e sido sepultado no Egypto, ha bons cinco mil annos, esteja hoje perfeitamente vivo, e com um aspecto de saúde admirável.

— Se n'essa época estivesse morto, como diz, — replicou o conde, — é mais do que provável que n'esse estado ficaria; porque, noto que os homens ainda estão na infância do galvanismo, e que não podem obter por este agente o que em outros tempos era causa vulgarissima. Mas o facto é que eu havia caído em catalepsia, e os meus amigos julgaram-me morto ou que o devia estar; foi por isso que me embalsamaram imediatamente. Provavelmente, conhecem o principio capital do embalsamento?

— Não conhecemos, não!

— Ah! comprehendo; deplorável condição da ignorância! Não posso agora entrar nas particularidades d'este assumpto; mas é indispensável explicar-lhes que, no Egypto, embalsamar, fallando com propriedade, era suspender indefinitamente todas as funcções animaes submettidas ao processo. Sirvo-me do termo *animal* no seu mais amplo sentido, como implicando o ser moral e vital, e bem assim a existencia physica. Repito, o principio capital do embalsamento, entre nós, consistia em suspender e conservar perpetuamente n'este

estado todas as funcções animaes submettidas ao processo. Emfim, para ser breve, em qualquer estado que se achasse o individuo na época do embalsamento, n'esse estado ficava. Agora, como eu tenho a felicidade de ser do sangue do Scarabéo, fui embalsamado vivo, tal como me estão vendendo presentemente.

— O sangue do Scarabéo! exclamou o doutor Alexandre.

— Como diz. O Scarabéo era o emblema, as armas d'uma familia muito distinta e pouco numerosa. O ser do sangue do Scarabéo, é simplesmente pertencer à familia da qual o Scarabéo é o emblema. Fallo figuradamente.

— Mas o que tem isso de commun com o facto da existencia actual de V. Ex.^a?

— Antes de responder-lhe, permitta-me que lhe faça uma pequena questão. Porque motivo, em vez de *senhoria* tem empregado a palavra *excellencia*? Dar-se-ha o caso de se quererem divertir á minha custa? Ridicularisarem-me?

— O sr. conde! longe de nós semelhante idéa? Temos usado da palavra *excellencia*, porque assim se costuma tratar hoje as pessoas distintas.

— N'esse caso estou em grande dívida para com o barão.

— Essa é boa, senhor conde, respondeu aquele um pouco confuso.

— Pois, tornando ao assumpto; effectivamente, era costume no Egypto, antes de embalsamar um cadáver, tirar-lhe os intestinos e os miolos: só a raça dos Scarabéos não estava sujeita a isso. Por consequencia, se eu não fosse um d'estes, teria sofrido essa operação; e viver sem essas visceras não é lá das melhores cousas.

— Comprehendo agora, disse o barão de Souza, e visto isso, todas as mumias que vemos inteiras são da raça dos Scarabéos.

— Sem dúvida.

— Eu julgava, disse o padre Gilberto, que o Scarabéo era um dos deuses dos egipcios.

— Um dos que dos egipcios? exclamou a mumia dando um grande salto e ficando de pé.

— Um dos deuses, repetiu o viajante.

— Senhor padre Gilberto, estou devérás admirado de ouvir-o fallar d'esse modo, disse o conde tornando a assentar-se. Nenhuma nação do mundo reconheceu ainda mais do que um Deus. O Scarabéo, o Ibis, etc., eram para nós (o que outras criaturas tem sido para outras nações) os symbolos, os medianeiros pelos quais ofereciamos o culto ao Creador, muito augusto para ser directamente aproximado.

Aqui fez-se uma pausa. O doutor Alexandre tomou então a palavra.

— Segue-se, pelas explicações que V. Ex.^a se tem dignado dar-nos, que nas catacumbas que se acham perto do Nilo, existem outras mumias da raça do Scarabéo em identicas condições de vitalidade?

— Isso não pôde nem deve ser objecto de questão, replicou o conde; todos os Scarabéos que por incidente foram embalsamados vivos, estão vivos.

Alguns mesmos dos que foram embalsamados de *proposito* podem ter sido esquecidos pelos seus testamenteiros, e, por consequencia, lá existem ainda nas suas sepulturas.

— V. Ex.^a, disse eu, tem a bondade de explicar-me o que entende por *embalsamados de proposito*?

— Com todo o gosto, retorquio a mumia, depois de me ter examinado bem com a luneta; porque era a primeira vez que eu me atrevia a dirigir-lhe directamente uma pergunta. Com todo o gosto, disse ella. A duração ordinaria da vida humana, no meu tempo, era de oitocentos annos, pouco mais ou menos. Poucos homens morriam, salvo por muito extraordinarios accidentes, antes da idade de seiscentos; tambem mui poucos viviam mais de dez seculos; mas oito seculos eram considerados como o termo natural. Depois da descoberta do principio do embalsamento, tal como já lhes expliquei, ocorreu aos nossos philosophos que se poderia satisfazer uma louvavel curiosidade, e, ao mesmo tempo, servir consideravelmente os interesses da sciencia, dividindo a duração media e vivendo esta vida natural por periodos. Relativamente à sciencia historica, a experiençia mostrará que se devia fazer alguma cousa n'este sentido, alguma cousa indispensavel. Um historiador, por exemplo, tendo attingido a idade de quinhentos annos, escrevia um livro; depois fazia-se embalsamar com todo o cuidado, deixando ordem aos seus testamenteiros *pro tempore* de resuscitar-o decorrido um certo lapso de tempo, — quinhentos ou seiscentos annos, supponhamos. Tornando à vida no fim d'essa época, encontrava invariavelmente a sua obra convertida em uma especie de caderno de notas accumuladas ao acaso, isto é, em uma especie de arena litteraria aberta ás conjecturas contradictorias, aos enigmas e ás contestações pessoaes de todos os bandos de commentadores exasperados. Estas conjecturas, estes enigmas que passavam sob o nome de annotações ou correções, tinham de tal modo embrulhado, torturado, destruido o texto, que o auctor via se obrigado a andar n'este labirintho com uma lanterna na mão á procura do seu proprio livro. Mas uma vez achado, o pobre livro não valia os trabalhos que o pobre auctor tinha tido para o tornar a ver. Depois de reescrevel-o de principio a fim, restava ainda uma importantissima tarefa, um dever imperioso: era emendar, segundo a sua sciencia e experiençia pessoaes, as tradições do dia concernente á época em que primitivamente tinha vivido. Ora, este processo de recomposição e de rectificação pessoal, seguido de tempos a tempos por diferentes sabios, dava o resultado de a nossa historia não degenerar em uma pura fabula.

— Peço perdão, — disse o doutor Alexandre, pondo a mão sobre o braço do egypecio, — peço perdão, senhor conde; mas, concede-me que o interrompa por um momento?

— Porque não! meu caro senhor, replicou o conde, afastando-se um pouco.

— Desejava simplesmente fazer-lhe uma per-

gunta, tornou o doutor. V. Ex.^a falleu de correções pessoaes do auctor relativamente ás tradições que diziam respeito á sua época. Em que proporção, pois, se achava a verdade misturada com essa Babel de mentiras?

— Achou-se, geralmente, que essa Babel de mentiras, — para servir-me da sua excellente definição, — estava exactamente a par com os factos referidos na historia não refundida; isto é, não se via em circumstancia alguma um simples *jota* de um ou de outro que não fosse absoluta e radicalmente falso.

— Mas, visto ser tão claro, tornou o doutor, que, depois do enterro de V. Ex.^a, tem, pelo menos decorrido cinco mil annos, tenho como certo que os vossos annaes n'essa época, senão as vossas tradições, eram sufficientemente explicitas sobre um ponto de interesse universal, a Creação, que teve lugar, como deve saber, pouco mais de dez seculos antes.

— Senhor?! disse o conde, abrindo os olhos.

O doutor repetiu a mesma observação; mas não foi sem muitas explicações adicionaes que conseguiu fazer-se comprehendere do estrangeiro. Por fim, disse este, não sem hesitação:

— As idéas que apresenta, confesso que são para mim inteiramente novas. No meu tempo, nunca encontrei pessoa alguma a quem tivesse ocorrido uma idéa tão singular, que o universo (ou este mundo, como lhe aprovou) podia ter tido um principio. Recordo-me, contudo, que uma vez, e tambem unica, um homem de grande sciencia fallou-me de uma tradição vaga relativamente á origem da raça humana; e este homem servia-se igualmente da palavra *Adão* ou terra vermelha. Mas empregava-a n'um sentido generico, como referindo-se á germinação espontanea pela argilla, — tal como uma infinitade de animaleculas, — á germinação espontanea, de cinco vastas hordas de homens, brotando simultaneamente em cinco partes distinctas do globo quasi iguaes entre si.

Aqui, todos os da sociedade encolheram os homens, e um ou dois esfregaram o rosto com um modo muito significativo. O barão de Souza lancando um rapido olhar pela região occipital de Allamistakeo, fallou n'estes termos:

— A longevidade humana no tempo de V. Ex.^a, unida a essa practica frequente que nos tem explicado, consistindo em viver por periodos, deveria, na verdade, contribuir poderosamente para o desenvolvimento geral e accumulação de conhecimentos. Presumo, pois, que se deve attribuir a inferioridade notada dos antigos egypecios em todas as partes da sciencia, quando se compararam com os modernos, unicamente á espessura mais considerável do cráneo.

— Declaro novamente, replicou o conde com toda a urbanidade, que não posso comprehendere; diga-me, de que partes da sciencia quer fallar?

A esta pergunta, toda a companhia, unanimemente, citou as affirmações da phrenologia e as maravilhas do magnetismo animal.

(Continua.)